

Ruy Barata: A Poesia Paraense e o Ensino de Literatura no Ensino Médio

Maykon Willas Ferreira Fernandes^[1]

^[1] Graduado em Letras pela Faculdade de Itaituba, Pará.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo de auxiliar as escolas de Ensino Médio a utilizar a poesia de forma adequada, visando explorar fatos gramaticais ou História da Literatura, considerando que os DCNEM e PCN, exigem que a escola trabalhe textos regionais, integrando os eixos de Gramática e Literatura, especialmente no Ensino Médio, a partir de textos práticos de autores regionais. Propõe-se o estudo do texto poético de Ruy Barata nas aulas de Língua Portuguesa e de Literatura, pois além de atender os PCN cumpre também seu papel de análise de fatos na Língua Portuguesa no Estado do Pará e, conseqüentemente, em Itaituba, atendendo ainda às exigências da Lei 93/94/96 de Diretrizes e Bases da Educação. Por isso, objetivou-se, através deste, apresentar um artigo sobre o ensino- aprendizagem de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio, com base nas poesias de Ruy Barata, e através das mesmas, revisando a Literatura do poeta, comparando suas poesias com os estilos literários, explorando os temas utilizados por ele, com outros compositores, analisando as características em suas poesias, com sugestões de como trabalhar essas poesias e composições no Ensino Médio.

Introdução

As estratégias utilizadas neste trabalho possuem natureza mista: quantitativas e qualitativas, através de um questionário fechado com alunos sobre a obra de Ruy e entrevista com professores do Ensino Médio, terá ainda como público alvo, alunos e professores do Ensino Médio, bem como acadêmicos do Curso de Letras. Para a elaboração do mesmo foi necessário o uso de livros didáticos, apostilas, textos da internet, pesquisa de campo e questionário aberto aos professores da área de Língua Portuguesa e de Literatura. Neste estudo, recomenda-se a análise da poesia paraense de Ruy Barata a ser utilizada nas aulas de Metodologia e Prática do Ensino de Língua Portuguesa, a qual contribuirá para construir um conjunto de estratégias para ensinar Literatura, além de incluir no elenco de leituras didáticas as poesias de Barata. Partindo de princípios definidos na LDB, o Ministério da Educação, num trabalho conjunto com educadores de todo o País, chegou a um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção de nossos jovens na vida adulta. Tínhamos um ensino descontextualizado, compartimentalizado e baseado no acúmulo de informações. Ao contrário disso, buscamos dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; evitando a compartimentalização, explorando texto através da interdisciplinaridade e incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender.

A disciplina na LDB nº 5.692/71 vinha dicotomizada em Língua e Literatura, com ênfase na Literatura Brasileira. A divisão repercutiu na organização curricular: a separação entre gramática, estudos literários e redação. Os livros didáticos, em geral, e mesmo os vestibulares reproduziram o modelo de divisão. Muitas escolas mantêm professores especialistas para cada tema e há até mesmo duas específicas: Leitura e Literatura, Estudos Gramaticais e Produção de Textos, como se não tivessem relação entre si. Nota-se que o problema está em como ensiná-las em razão do ato comunicativo. A gramática normativa extrapola em muito o conjunto de frases justapostas deslocadas do texto, priorizando conceitos irracionais sem que haja a interação locutor e interlocutor. A forma mais viável para a promoção da construção e desenvolvimento dá-se a partir da contínua

verbalização como meio expressivo e comunicativo torna-se o aprender a aprender, sustenta escolhas, defende opiniões e a formação do processo cognitivo no jogo dialógico do “eu e você”, isto porque é através da oralização que professor/aluno terão um processo internacionalista construtivista.

1 Fundamentação Teórica

. Na perspectiva da nova Lei, o Ensino Médio, como parte da educação escolar, “*deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social*” (Art. 1º § 2º da Lei nº 9.394/96). Essa vinculação é orgânica e deve abranger toda a prática educativa escolar. Em suma, a Lei estabelece uma perspectiva para esse nível de ensino que integra, numa mesma e única modalidade, finalidades até então dissociadas, para oferecer, de forma articulada, uma educação equilibrada, com funções equivalentes para todos os educandos:

É no contexto da Educação Básica que a Lei nº 9.394/96 determina a construção dos currículos, no Ensino Fundamental e Médio, “com uma Base Nacional Comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela” (Art. 26).

Para tanto, se faz necessária uma reflexão curricular que oriente o Ensino Médio no seu sistema, ressignificando-o, sem impedir, entretanto, a flexibilidade da manifestação dos projetos curriculares das escolas. Assim, o ensino das particularidades regionais se faz intrinsecamente indispensável para inter-relação da cultura local e suas derivadas manifestações com os indivíduos construtores da mesma. No entanto, torna-se evidente que tais demandas curriculares não condizem com o contexto atual dos métodos de ensino das escolas, uma vez que os próprios livros didáticos não se concretizam com tais ações, “as particularidades regionais”, tais como: música, dança, literatura e os autores regionais, de modo geral, são esquecidos. Cabe ressaltar também a falta de complacência por parte dos professores por não cobrarem por parte das secretarias e direções escolares a incrementação das artes nos currículos, pautando ainda a importância e valorização da cultura local.

Os conteúdos de literatura do Ensino Médio (DCNEM), foram incorporados ao estudo da linguagem com o objetivo de dar autonomia aos princípios da disciplina que exige um espaço dialógico. Mesmo que a Literatura seja um modo discursivo entre vários, tais como: Jornalístico, Científico, Coloquial, Literário, Poético, este último, difere dos outros pela sua construção pragmática, que garante ao participante o jogo da Literatura Literária com exercício da liberdade a quem pode levar as varias possibilidades da língua. Por isso, a Literatura sensibiliza o homem e por isso muitas vezes não é considerado como disciplina curricular ou simplesmente estratégia para o professor passar o tempo. (FERREIRA, ...). De acordo com Cereja (2005) é preciso reaver a prática escolar e redefinir o papel do ensino de Literatura na disciplina de Língua Portuguesa, pois o ensino de Literatura no Ensino Médio não tem alcançado os objetivos essenciais a que foram propostos, nas últimas Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM, 2006), e nas discussões geradas em obras de pesquisadores como Regina Zilbermann (2009) e Marisa Lajolo (1982).

No entanto, sabe-se que existe a necessidade de formar leitores competentes de textos literários e não literários, e consolidar os hábitos de leitura para formação de leitores críticos. O processo de Ensino de Literatura no Ensino Médio hoje, não estimula o jovem estudante ao hábito da leitura, isso porque a disciplina de Literatura prioriza o estudo da

História da Literatura ou trabalha o foco de uma leitura “artificial”, de fragmentos de obras literárias, sem haver nenhuma investigação das possíveis leituras permitidas pelo texto, não dando a oportunidade e permissão para que o aluno exponha uma opinião do que está sendo discutido e, possivelmente, sugerido pelo texto. Dessa maneira, refletindo sobre o papel da leitura na escola e a importância da formação do estudante como leitor, o professor torna-se peça fundamental para estimular a capacidade discente de interagir com o conhecimento de forma autônoma, que beneficiará o aluno como cumprimento do papel de cidadão. Na maioria das vezes, quando acontece, as aulas são ministradas no método exigente da memorização de uma quantidade grande de informações literárias, decorando as escolas, períodos, autores e dados biográficos. Tudo isso se transforma em um insistente confronto do aluno com as obras literárias, que pertence a uma realidade totalmente diferente e que acaba transformando a obra literária em um mero objeto de estudo, por isso que os alunos reclamam das aulas de Literatura, pois eles veem a disciplina como trabalho/matéria disciplinar inútil.

A principal função da Literatura é de proporcionar prazer e de apresentar/representar a realidade ao leitor. Entretanto, também é através da linguagem literária, que é proporcionado aos leitores o encontro entre os diversos fatores de cultura como a transmissão de informações e comportamentos; e, além disso, causar sensações, emoções, e rejeições, atuando na educação e formação do homem como ser social, promovendo deste modo a aquisição do conhecimento, possibilitando o reconhecimento à realidade em que vive representada no mundo ficcional, ajudando o homem a entender tanto seus conflitos como os que a sociedade lhe impõe.

- **Ruy Barata: Vida e Obra por seus Amigos, por ele mesmo e na Literatura.**

2.1 Ruy por seus Amigos

A respeito da vida de Ruy Guilherme Paranatinga Barata, poeta paraense, pouco se encontra sobre sua biografia, com destaque na identificação de sua própria obra. Entre os autores que o citam estão: Edyr Proença, Clóvis Meira, Benedito Nunes, João de Jesus Paes Loureiro e Moreira. Além de fazerem comentários sobre o livro “Paranatinga”, que Alfredo Oliveira escreveu sobre Ruy Barata, também teceram comentários sobre sua obra e passagens marcantes da sua trajetória na Literatura Modernista Brasileira.

Alfredo Oliveira (1990) escreveu sobre Ruy Barata. Este conta a vida de do renomado poeta paraense, que nasceu no dia 25 de junho de 1920 na cidade de Santarém-Pará, às margens do rio Tapajós, situada à Rua Francisco Correia. Filho de Alarico de Barros Barata e Maria José Paranatinga Barata, Ruy foi alfabetizado por seu pai ainda em Santarém, onde permaneceu cerca de 10 anos. Após esse tempo, vai para Belém dar continuidade aos seus estudos, enquanto sua família se transferia para Óbidos, onde costumava passar suas férias. De início, passa a frequentar a Escola Moderna dos Irmãos Maristas, cursando as duas primeiras séries do curso secundário e as três últimas na escola Nossa Senhora de Nazaré, passando a frequentar o Colégio Estadual Carvalho Paes. Após a conclusão do ensino do pré-jurídico, Ruy entra para a antiga Faculdade de Direito do Pará, sendo diplomado no ano de 1943. Mesmo sendo advogado, segue a carreira jornalística, onde trabalha em jornais da terra, em especial na “Folha do Norte”, de Paulo Maranhão. Em virtude da redemocratização do país, após o período ditatorial do Estado Novo, elegeu-se como Deputado Estadual duas vezes subsequentes pelo (PSP) Partido Social Progressista, de 1947 a 1954. Ao término do primeiro mandato, sua candidatura a reeleição foi considerada pelo comando da Oitava Região Militar, como comunista, contudo, obteve

ganho de causa no Tribunal Regional Eleitoral e no Supremo Tribunal Federal e se reelegeu. Ficou conhecido como suplente pelo (PSP) a deputado Federal, mandato que, desempenhou de 1954 até 1959, na vaga de Lopo de Castro, eleito prefeito de Belém. Ruy por não ter condições financeiras resolveu não disputar o retorno a Câmara Federal. Novamente a capital paraense, reassumiu o 4º ofício do Cível e Comércio, para a qual fora nomeado anteriormente pelo general Zacarias de Assunção, governador do Estado. Foi diretor do suplemento literário de “A província do Pará”, e regente da cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Artes, mais tarde incorporada a Universidade Federal do Pará, no ano de 1964. Com o movimento literário desta mesma data, Paranatinga é destituído de todas suas funções, terminou preso, demitido do cartório “a bem do serviço publico”, e aposentado compulsoriamente do Magistério Superior. Após sua liberdade, exerce a função de advocacia no escritório de seu pai e empenha-se em jornalismo, como meio de sobrevivência; após três anos passa a utilizar a advocacia como ocupação principal, conseqüentemente, em virtude do falecimento de seu pai Alarico Barata. No governo de do presidente João Figueiredo que é decretada a Lei da Anistia, a partir daí, reassume seu papel na Universidade Federal do Pará (Centro de Letras, Artes e Comunicação) e, finalmente, aposentado de suas funções como cartorário. Ainda em vida, publicou *Anjo dos Abismos* e *A Linha Imaginária*, poemas sob forte influência da estética modernista, remanescente da Semana da Arte Moderna. Chegou a alcançar grande prestígio e sucesso através de suas composições musicais que atingiram níveis nacionais e internacionais em parceria com seu filho Paulo André Barata, as quais destacam-se as músicas “Foi assim” e “Pauapixuna”. Por conseguinte do pré-jurídico veio à Faculdade de Direito, tempos de convívio com Cléo Bernardo, Clóvis Ferro Costa, Edyr e Delival Nobre, dentre outros colegas da turma. Edyr e Delival pertenciam ao “Bando de Estrelas”, Ruy não pertenceu à chamada “Academia do Peixe Frito,” como Dalcídio e Bruno de Menezes, mas pertenceu a geração posterior.

Benedito Nunes comentou sobre a obra de Ruy Barata, *A Linha Imaginária*, afirmando que ela abre o ciclo da nova poesia em 1952. Trata da criatividade do autor, do seu vigor expressivo, de sua técnica, do seu manejo do verso, o poder verbal, a insinuação do tema e a construção do assunto. Para ele, Ruy Barata não é uma virtuose do verso, porque é um criador, e a poesia nele tem nascimento espontâneo, com riquezas de imagens elaboradas com experiências do poeta. Benedito Nunes afirma que o poeta não se deixou se impressionar pelas discussões bizantinas como se absoluto da poesia, mantendo com palavras a familiaridade de um fato. Diz que não é o poeta que serve as palavras; elas é que o servem.

2.2 Ruy Barata por ele Mesmo

Em “Paranatinga”, livro de seu grande amigo, Alfredo Oliveira, Ruy falou sobre si mesmo, citando passagens de sua vida e comentando a respeito da sua família e suas experiências na política e nas artes. Ruy conta que seu pai era voltado para o Direito, nasceu em Fortaleza e veio para o baixo-amazonas. Como ele possuía grande afinidade cultural e política, praticamente foi seu educador, fez todo o seu primário em casa, desde as primeiras letras. De tal maneira que seu pai não sabia avaliar o que ele sabia. Aos 10 anos Ruy foi para Belém, destinado ao Internato Colégio Moderno, pois para sua satisfação, já estava apto para o exame de admissão ao curso secundário, fato constatado pela professora Madalena Penafort irmã de Onestaldo Penafort, o grande tradutor brasileiro das peças de

Shakespeare. Um dos seus colegas, nessa prova, outro não foi senão o radiologista Otávio Lobo, por quem manteve uma imensa ternura. O seu pai faleceu depois do golpe militar de 64, e apesar de cardíaco, em plena atividade, a favor dos presos políticos. Lembra-se, inclusive, de um episódio, relacionado com a defesa de certo estudante. Disse ele ao carcereiro de farda patente: “esse jovem está preso por uma única razão – escreveu num dos muros da cidade a seguinte frase: abaixo a ditadura. Ele não achou que isso poderia se constituir um crime, pois, se crime existisse, não a repetiria, como repetiu naquele momento: Abaixo a ditadura!”

Diz Ruy em entrevista que nasceu à noite, numa casa da rua São Francisco Correia; ao lado, D. Noca plantava cravos e rosas. Quem lhe pegou foi o doutor José Teodorico de Macedo, parteiro de alma boníssima e muito bem retratado por Dalcídio Jurandir, na figura de médico de Ponta de Pedras, em Chove nos Campos de Cachoeira. Foi batizado pelo Frei Ambrósio, alemão da Ordem dos Franciscanos, e justamente o doutor Macedo serviu-lhe de padrinho. Mais tarde tornou-se também seu compadre ao apadrinhar um de seus filhos. Em entrevista concedida ao seu amigo Alfredo Oliveira, enquanto esse escrevia “Paranatinga”, Ruy segura em suas mãos uma cópia datilografada de sua obra “O nativo de câncer”, e lê em voz alta, versos expressos pela saudade do universo “Mocorongo”. Depois continua: “Acho que o clima musical de Santarém, algumas aulas de piano com o mestre Zé Augustinho, a ruma de seresteiros, o conjunto que tocava músicas de Ernestos no cine “Guanabara”, que era mudo, isto é, sem som, tudo isso junto, deve ter fabricado em mim o gosto de compor.” (OLIVEIRA, 1990: 19).

Ruy continua sua narrativa: “Fiz a minha primeira comunhão na Matriz de Santarém, com Frei Ambrósio e todo aquele ritual de roupa branca, vela bolo e chocolate, com ovo batido. No Instituto Nazaré, onde terminei o Ginásio pertenci ao coral “Silva Novo”, regido pelo irmão Pedro de Alcântara. Outro cantor dessa orla seria futuro governador do Pará”. Ainda na escola Nossa Senhora de Nazaré, desde muito cedo Ruy destacava-se em apresentações teatrais, a qual em uma delas foi *cronner* do bando “Guará” e contracenou em peças levadas ao palco do colégio com o Everaldo Guilhon, mais tarde redator expositivo de “A vanguarda” e autor do apelido do Paissandu “Papão do Curuzu”. Paranatinga tinha grande apreço por sua Terra oriunda, neste cabe ressaltar as próprias palavras do poeta: “Óbidos é uma terra que deixei grandes amigos. Tanto que foi meu reduto eleitoral nas campanhas para deputado. Ali foi a vida dos meus primeiros amores, das minhas primeiras composições para o carnaval de D. Rosa que costurava as fantasias que vesti e que outra não era, senão a mãe de Pedro Pomar. Lá quando rapaz fui jogador de futebol do “Amazônia” ao lado do craque da cidade Paulo Matos de Sousa.” (OLIVEIRA, 1990: 20).

Ainda quando criança, Ruy sempre viajara para Óbidos passar suas férias com seus familiares e lá fizera grandes amigos. Viveu momentos únicos como o próprio poeta afirma, não tinha medo do amanhã e nunca lembra sonhos, exceto um. O finado pai na casa de Óbidos murmurando na janela de olhos fitos no Amazonas. Paranatinga não tinha apreço algum pela música popular, sua paixão era mesmo a música clássica, tanto que faz críticas às serestas, e a modo de se portarem, dizia ele ser uma ridícula manifestação. Quando jovem apaixonou-se pela música no ambiente Mocorongo, e é através deste apreço que surge a vontade de compor suas primeiras canções. Em Óbidos, faz amizade com vários letristas, dentre eles destaca-se Saladino de Brito, mas é pelas músicas de Caymm que ele percebe que a música não é só música Urbana. Ruy nasceu com os versos livres e soltos,

dizia ele: “A realidade chega a mim e eu a recrio. A inventiva é fundamental. Sem inversão não existe letra, nem poesia. E quem nos ensina isso é Fernando Pessoa”. (OLIVEIRA; 1990: 23).

*O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que às vezes pensa ser dor
Dor que deveras sente (...)*

Neste pequeno trecho do poema de Fernando Pessoa, “Autopsicografia”, o poeta afirma a importância da inventiva, da construção de compor algo, pois é através desta forma de criação que a música, a poesia ou qualquer outra expressão artística se torna valioso, por isso Paranatinga faz uma analogia ao poema de Pessoa, que atribui ao poeta a função de inventar tão bem que a sua própria fantasia vira verdade para ele também, caracterizando a verossimilhança que toda obra de ficção deve deixar passar para o leitor ou interlocutor. Fascinado pela música clássica, Paranatinga a considera ainda como música popular bem trabalhada, dizia ainda gostar de Debussy, Beethoven, Mozart. Durante suas produções foi muito criticado, principalmente por um grupo de baratistas, isto é, o grupo narcisista partidário da oposição. Ainda, tornou-se vencedor de vários festivais de carnaval dos “Boêmios da Academia”, com o tema “Muiraquitã”, samba de parceria com seu filho, Paulo André Barata.

Segundo Alfredo Reis, o festival era de suma importância para a construção da Cultura e formação social-interativa, o mesmo servia para libertar os jovens cantores de suas celas a qual a si própria se aprisionava. Tinha Ruy como grande amigo e parceiro para a vida toda, tanto que é o autor de “Paranatinga”, obra feita em homenagem ao grande artista. Outro grande renomado artista paraense era senão Edgar Proença. “Eu e Ruy atuavam no show “Papo Molhado” juntamente com Hélio Rubens, Kzan Gama, Guiães de Barros, Sagica e o Garçom ligeirinho.” (OLIVEIRA; 1990: 26).

Edgar Augusto Proença foi jornalista paraense e crítico musical do “Diário do Pará” e um grande amigo de Ruy e um excelente poeta da época. Paranatinga serviu de grande instrumento para o enriquecimento da cultura paraense, assim também como seus colegas da Faculdade de Filosofia como Moreira Junior, Orlando Costa, Francisco Paulo Mendes, Benedito Nunes, Ápio Campos, Napoleão Figueiredo, Otávio Mendonça, etc. Ainda se fez presente no chamado “ Café Central”, no início da década de 60. Um grupo que reunia artistas intelectuais da terra, (Poetas, Escritores, Compositores, Jornalistas, Letristas, Boêmios, etc.) dentre os integrantes do Café Central, destacavam-se Paulo Plínio Abreu, Mario Faustino, Waldemar Enrique, Max Martins, Gaube Cruz, Benedito Nunes, Chico Mendes, Machado Coelho, Nunes Pereira, Jocely Brasil e uma das figuras mais celebres: Clarice Lispector que residia em Belém por algum tempo.

Paranatinga era um homem de muitas moedas, gostava mesmo da “birita”, lembra ainda as recordações em torno de uma paixão, “Universidade de Samba Boêmios da Campina”. “A princípio, a primeira escola a ocupar a Zona foi o “**Tá Feito**”, em seguida os “Quem São Eles” e por fim os “Boêmios da Campina”. Sua ligação com os Boêmios nasceu através de Paulo Roberto, e de seu primo Acelino Barata de Magalhães Costa. Naquela época, denominado grupos “Boêmios da Campina”, veio à mídia a partir da instalação da Universidade Federal do Pará, para registrar o evento, o poeta abriu manchete na “Província” da qual era redator da página de Letras e Artes. Mas, para muitos o termo

Universidade referia-se aos boêmios. Paranatinga também foi sambista de primeira mão, o folião era sua sede, em Jurunas, bairro nobre de Belém-Pa, fazia a festa e caía no folião com sua junta carnavalesca denominada Muiraquitã.

Em termos de trabalho, Ruy se esforça para capturar a emoção que a melodia desperta. É a partir daí que tenta disciplinar seu desempenho como letrista. A paixão pela música fez de Ruy um dos maiores letristas, para alguns o melhor do Brasil. Para ele, a letra necessariamente precisa estabelecer comunicação com o público; por outro lado, a poesia não tem essa obrigação, embora haja campos em que uma letra seja poética, mas não obrigatoriamente. A verdadeira função da letra é traçar laços com a melodia, e assim, seguir um parâmetro horizontal. A poesia foge a essa estética, está livre para buscar novos horizontes, a mesma transcende o poder da palavra.

Ruy não se prendia a uma estética oficial, desde cedo seus versos eram soltos e espontâneos, segundo ele, as palavras não surgem amarradas e sim em constantes movimentos e estado de transformação. Muitas vezes, uma palavra exerce uma forma mais expressiva do que a outra palavra, que seguem o ritmo padrão oficial da língua. Chegou ainda a elaborar vários discursos, textos e poemas encomendados. Torna-se evidente na citação mencionada em que Ruy defende as características regionais da terra como foco de Cultura da Região e que mesmo a tantas tentativas de imposições e influências externas, o regional prevalece, e não se sujeita às manifestações que persistem a adentrar a cultura local, o regional foge a essa imposição. A cultura, a língua, a fala, permanece a mesma, não se acultura a outras línguas.

Como músico, o grande paraense reporta à grande diversidade na musicalidade regional, a penetração dos meios de comunicação de massa, e ainda sucinta que a música dita paraense deveria ser mais bem conceituada como música popular brasileira feita no Pará. O 'Merengue' do Caribe regionalizou-se com o nome de 'Lambada', o 'Carimbó', para ele, era a raiz da terra, tanto que ainda quando jovem, festejou muito rodas de carimbó e reafirmava sua fala: - o carimbo é nosso! Isto se sabe, porque fora amigo de Pinduca, um emérito executante e compositor do 'Carimbó' nacionalmente reconhecido, ambos juntos foram carcereiros no quartel da polícia militar em 64, em suas ações contra o Estado.

Foi em um *show* montado por seu filho Paulo André, estreado na assembléia paraense e no Pará Clube, que surge a figura mais ilustre de Guerra e Talento, Maria de Fátima Moura Figueiredo, posteriormente conhecida nacionalmente por Fafá de Belém. Foi através de "Pauapixuna" e "Foi Assim", interpretadas por Fafá de Belém, que o país passa a conhecer as grandes composições do poeta e de seu filho. Sucinta em suas palavras: "De todas as letras que fiz, até hoje a que mais me doe foi "Pauapixuna" [...] como já disse, Pauapixuna é a própria fronteira de Óbidos. Ali tive grandes amigos [...] nunca conheci gente mais tarada por música como aquela gente." (Ruy apud Oliveira, 1990: 47).

A referida música é uma de suas composições a qual mais lhe tem afeto, isto porque fora lá na fronteira de Óbidos que Ruy carrega traços de carinho e afeto de todos; lá construiu grandes amizades para a vida toda, relembra os velhos momentos de infância, dos bailes dançados, dos amigos pescadores, além de que, fora ali que, desde o início das suas primeiras composições de seu repertório musical. "[...] a nossa primeira composição de parceria foi feita depois de 64 e chamava-se "Rosa - Rubra", exaltava a liberdade e manifestava-se contra o obscurantismo daquela hora.

A canção 'Rosa Rubra', feita por Paranatinga e André Barata, foi feita em homenagem a Rosa Luxemburgo, que foi impedida de ser executada no programa

dominical “Pierre Show” da TV marajoara em 1996, sendo apresentada apenas a sua face instrumental. (MORAES *apud* OLIVEIRA, 2000: 282). Ruy Barata Foi um dos alvos preferidos da censura em Belém, além de ter sido diversas vezes preso, arbitrariamente, e ter a casa invadida por militares armados, sua produção artística sofreu uma constante vigilância.

A preocupação da censura dentro de seus princípios persecutórios hipertrofiados, não foi suficiente para calar os músicos locais, mesmo com a coerção sofrida, havia sempre a possibilidade deles de se expressarem politicamente, denunciando, satirizando, criticando aspectos da vida política e social do país, por meio da poesia e da canção. Os compositores engajados paraenses, entre eles o próprio Alfredo Oliveira, João de Jesus de Paes de Lourenço, Ruy Barata, Paulo Andre Barata, Galdino Penna, José Maria de Vila Ferreira, dentre outros, incorporaram em seu repertório temático e sonoros outros lugares igualmente míticos, outros sujeitos sociais e outros sons. A floresta, o homem ribeirinho, os rios, o legendário amazônico, o ritmo do carimbó, do lundu, do retumbão, do marabaixo, selecionados como fontes de dada tradição da cultura popular de Belém, serviram como vetores para as atividades criativas destes compositores, preocupados em denunciar, criticar, ironizar ou simplesmente tematizar aspectos da realidade local e dos efeitos dos processos de modernização e industrialização na região. (MORAIS, 2012: 5).

No ramo da política, o poeta também desempenhou papel preponderante contra as calamidades que aconteceram na época, tanto que utilizou a política, dentre outras formas, como intercâmbio para transmitir seus ideais, críticas, pontos de vista e acima de tudo seu nacionalismo. Foi no final do pré-jurídico que Ruy interessava-se por Direito, isto porque, seu pai o arigó Alarico de Barros Barata, surtiu desde cedo grande influência para tal, uma vez que, naquela época Direito e Literatura andavam praticamente juntos, entrelaçadas uma a outra. Apesar de sua formação em Direito em 1943, preferiu assumir jornalismo como profissão, somente em 1947, aos 26 anos de idade, assume sua primeira legislatura pelo (PSP) Partido Social Progressista como Deputado Estadual e após sua candidatura é reeleito pelo mesmo partido, perpetuando até o ano de 1954. Ainda conseguiu assumir papel de Deputado Federal pelo mesmo partido até o ano de 1959.

A partir daí, Paranatinga exerce função do 4º Ofício do Civil e Comércio da Comarca da capital, nomeado pelo General Alexandro Zacharias de Assunção eleito governador do Pará. Assunção e Ruy eram grandes amigos, tanto que o poeta chegou a elaborar muitos de seus discursos e pronunciamentos políticos: ambos costumavam discutir sobre política local. Adiante passa a ser corregedor do Ministério Público e em seguida consultor geral do Estado. Como parlamentar, ingressou nas fileiras de campanha de monopólio estatal do petróleo, nos movimentos democráticos pela paz, pelo divórcio, contra a Lei de Segurança Nacional, contra o acordo Militar Brasil-Estados-Unidos. Naquelas idas, Ruy fora bastante perseguido pelo poder militar devido as suas grandes críticas sociais, na capital paraense. Tanto que chegou a ser preso, assim também como vários outros críticos da época. Sobre as palavras do próprio Ruy, cabe aqui recitar: Fui um dos personagens mais visitados, nesta terra, pelo golpe militar de 64. Por quê? “Certamente, por alguns “delitos”, por mim cometidos, que constituíram o meu passaporte para o planeta de grades” (OLIVEIRA, 1990, P 149).

Refere-se aqui o poeta, às grandes perseguições políticas que sofrera durante o período militar por suas fortes e intensas críticas, estes considerados como apoio ao movimento que se repercutiu naquele momento; tais como: poemas, músicas, artigos, comentários e

pronunciamentos de variadas formas representadas que denunciavam a todo instante o autoritarismo da época. Em Belém, um jornal da propriedade do Dr. Armando Carneiro “O Jornal do Dia”, Ruy publicou exatamente no dia 31 de março de 1964, o penúltimo de uma série de cinco artigos contra a implementação de uma estrada denominada “*Belcan*”, e que sairia da capital, contornava Marabá, em direção à Jacareacanga, na época, apenas um campo de aviação. Tal ato cometido através da denúncia por seus artigos feitos, como não podia deixar de ser, foi um delito imperdoável para os entreguistas e racionalistas, além de que, ia de encontro com o acordo Brasil - Estados Unidos. Os estrangeiros já visavam às riquezas da terra, tanto que lançaram seus modernos artefatos aeroespaciais detectores de minérios e financiaram a construção da “*belcan*”, por uma empresa da agência do governo Norte -Americano denominada (USAID). Outra denúncia, não menos importante, foi o poema “*Me Atrae Una Cubra Libre*”, publicado na “Folha do Norte” em janeiro de 1959. O referido poema critica a guerra que acontecia em Havana liderada por Fulgêncio Batista, ostensivamente apoiada pelos Estados Unidos e, ao mesmo tempo a glorifica por sua libertação que se deu com a ajuda de Fidel Castro. A partir de então, o poeta passa a ser olhado, pelos chamados órgãos de segurança do Estado, como uma pessoa extremamente perigosa ao proclamar-se comunista. Nesta mesma década, a palavra poética tornou-se instrumento vigoroso e engajado na produção “Popular Revolucionária”. Arte, Cultura e Militância Política se entrelaçam com tamanho entusiasmo que os temas em debates surgem contundentes num cenário jamais visto no país.

Intelectuais e artistas mobilizam o povo, empenhados no projeto de conscientizá-lo de si mesmo. O nacionalismo assume papel de suma importância para o despertar da nova era, juntando à esquerda e classes dirigentes interessados no desenvolvimento econômico. Neste mesmo momento, surge em Pernambuco o (MPC) Movimento de Cultura Popular a qual formava núcleos de alfabetização nos subúrbios pobres e mocambos, cuja função anterior é substituída, isto é, o aprendizado se associa a questão social formada pelo conceito de Paulo Freire.

Vários intelectuais da (ISEB) - Instituto Superior de Estudos Brasileiros formulam estratégias para o desenvolvimento, a partir de interpretação da realidade brasileira. A exemplo desta nova forma de expressão social, o cinema exerce papel preponderante na divulgação da prática revolucionária, ao invés do cinema comercial, visa engajar na linguagem cinematográfica, acontecimentos do presente, enfatizando assim, a realidade social, a crítica social e problemas vigentes na sociedade contemporânea. A realidade nordestina é mostrada em “*Vidas Secas*”, de (Graciliano Ramos), baseada no romance de (Glauber Rocha), onde se expõe o cangaço e o misticismo. Diante de tamanhas mudanças nas formas críticas da sociedade e da inquietude que abraça a população, a atuação da União Nacional dos Estudantes (UNE), passa a participar nas discussões dos problemas nacionais, atraindo a massa de jovens para a atividade cultural ligada à militância política. Conseqüentemente, surge o (CPC) - Centro Popular de Cultura que decreta em manifesto, que “fora da arte política não há arte popular”, e conclama seus adeptos a ser parte integrante do povo, destacamento de seu *front* cultural, isto é arte concebida, claramente, a serviço da tomada do poder.

O Centro Popular de Cultura lança em 1962 os “Cadernos do Povo Brasileiro”, editados por toda a civilização brasileira, do qual faz parte da série “*Violão Rua*”, coletânea de poemas que, segundo o manifesto regido por Moacyr Felix, almeja a utilização da estética, de temas humanos agudamente engajados como contribuição a luta dos povos oprimidos do

chamado terceiro mundo, de que tudo aquilo que é verdadeiro serve ao povo, de que o uso apaixonado da verdade é o instrumento por excelência da humanização da vida.

Ao denominar o presente capítulo “*Viola de Rua*”, a intenção foi ressaltar a característica da poesia de Ruy Barata nele inserida, pois sem nenhuma dúvida, o remete ao período histórico que o motivou. É pautável ainda destacar “*Me Atrae Una Cubra Libre*”, poema este, que foi para as ruas através de panfletos com intuito de difundir o que neles se continha. Paranatinga participou, ativamente, na luta política, juntamente com a comunidade universitária em prol de uma sociedade mais justa, do poder de expressão, da cidadania e bem estar.

O poeta não tinha “papas na língua”, era homem de versos soltos, não havia lugar ou ambiente que pudesse prendê-lo ou censurá-lo, comunista com orgulho no peito, visava uma sociedade sempre melhor, com mais direitos a população, lutava em defesa da soberania da Amazônia e não se sujeitava ao opressor. Foi devido a tamanhas atitudes revolucionárias que Ruy fora preso nos primeiros momentos da repressão desencadeada no Pará pelo golpe de 64. Ele permanece preso durante quatro meses, durante esse período conheceu vários artistas, não só do gênero poético como também do musical, dentre eles cabe ressaltar o grande compositor de carimbó, Pinduca, o poeta Paes Lourero, dentre outros. Após sua prisão, procura reassumir sua profissão de professor na Faculdade de Filosofia, e volta a trabalhar no Cartório do 4º Ofício. Não demorou muito para que Paranatinga fosse demitido do Cartório “a bem do serviço público”, logo se aposenta pela Faculdade de Filosofia, ganhando uma mísera quantia de mil e trezentos cruzeiros. Sem alternativa, passa a trabalhar novamente no jornal da “Folha do Norte” e “flash”, a qual tinha como diretor João e Ivan Maranhão.

Além das obras relativas à música, à política e outras artes, Ruy Barata também se destacou na Literatura, principalmente na Poesia, enfatizando o seu olhar sobre a Amazônia, sobre as mulheres, sobre o submundo, o sobrenatural, o místico, a boêmia e a natureza, o que deixa mais evidente ainda o seu talento também como poeta. Antes mesmo de se tornar conhecido nacionalmente através da música, desde muito cedo, o poeta já compunha um repertório imenso de poesias, tanto que em 1943 aos 23 anos de idade, publica sua primeira coletânea “*Anjo dos Abismos*”, pela Editora José Olímpio, obra que contém 24 poemas elaborados entre 1939 e 1942, dedicada ao querido pai, o arigó Alarico de Barros Barata e a Francisco Paulo Mendes, seu estimado amigo para a vida toda.

Torna-se perceptível a linguagem utilizada pelo poeta, em sua primeira coletânea, apesar de ainda muito jovem, já era capaz de mergulhar nas entranhas dos sentimentos e expressá-los magnificamente. Contudo, ainda havia uma grande estrada a ser percorrida e pedras a serem retiradas do caminho. Sobre os escritos de Benedito Nunes (1929-2011) em sua obra “*Do Marajó ao arquivo: Breve Panorama da Cultura do Pará*” aborda alguns critérios importantíssimos necessários para uma melhor realização do artista como poeta. Álvaro Lins, em sua “*crítica metropolitana*”, considerava a obra como a melhor estréia daquele ano em matéria de poesia, no entanto, paralelamente fazia críticas construtivas. Segundo ele, a profundidade exigida pela poesia não tinha sido alcançada, pelo simples fato de que suas experiências faltavam à cristalização necessária, e aos seus versos, a habilidade que só é conferida depois de um prolongado convívio com a riqueza interna das palavras. Por outro lado, revela-se a energia criadora de um poeta que, mais tarde, conseguiria manter uma assombrosa familiaridade com as suas imagens e invenções. O

poeta, nesta coletânea, deixa escapar também, de vez em quando, fragmentos de futuras motivações de sua poética, mas é certo de maneira desajeitada, usando linguagem alheia, pedindo emprestada a facilidade de um lirismo declamatório, que não será sua expressão normal. Isto é, o poeta não conquistara sua linguagem, nem implantara as normas de seu mundo particular à experiência, tanto a da vida, quanto a material do verso. É que há de favorecer-lhe o preciso privilégio de se estabelecer por conta própria no reino da poesia, que não tem porta menos estreita do que a dos céus.

Seu primeiro livro traduz uma visão defeituosa, que expõe como uma realidade um dualismo inconciliável. Mas, as suas sondagens poéticas o conduzem, pouco a pouco, a uma visualidade autêntica da existência, em que Alegria e Tragédia se confundem como as duas faces de um único rosto, e acabam por constituírem a inteireza da fisionomia da vida, a realidade humana total naquilo que há nela de decadência e exaltação, queda e soerguimento, derrota e vitória, morte e salvação. Ainda em 'Anjo dos Abismos', ele atingira o primeiro tom da inconfundível espiritualidade que fará vibrar em quase todos os seus versos a alma de um poeta Cristão, de um poeta que está imerso no mistério do pecado e do cotidiano, fazendo um louco esforço, não para compreendê-lo, mas para dizê-lo. Entretanto, um largo pressentimento se esboça que é uma guia e um clarão no caminho do poeta, cuja alma está dominada pela exaltação de viver, e que ainda é romântica, lançando-se a criação poética para atender as exigências de seu talento, mas também para atender ao apelo do século, que inclui no seu programa de absoluto amor à natureza e à vida, o convite ao desregramento dos sentidos. Em expressão de sua poesia recebe o mundo com exaltação, onde tenta lhe impor a sua forma e sua figura.

*Ó sim sou eu por sobre os nebulosos,
fantasmas que povoam quatro mundos
imagem perdida e mais tarde encontrada
no ilimitado céu da poesia. (ANJO DOS ABISMOS: 19).*

Ruy se deixa arrastar pela figura abismal que se espalha pela natureza, figura tenebrosa e ao mesmo tempo angélica, o próprio poeta que não sabendo ainda traduzir a sua visão das coisas, liquida as primeiras experiências poéticas, revestindo-as com a fantasiosa imagem do seu ser agigantado, a tornar-se centro do universo e de tudo enquanto existe. Tal advertência o incita a procurar as fontes legítimas de sua poesia. Essa busca será demorada e penosa, cheia de angústia e decepções para enfim, degustar da essência das duas faces de um só lado e a criação magnífica da poesia. Depois desta intensa dádiva de vida, surge uma poderosa revelação de um poeta amadurecido que se retrata nas páginas de *A linha Imaginária*; suas habilidades na técnica do verso e na filtragem das experiências variadas que constituem o cerne magnífico de sua poesia. Ruy Barata, com esse livro, inicia o ano literário de 1952. Cronologicamente, o seu pequeno volume situa-se nos últimos dias do ano que passou, mas a importância que ele se reverte, coloca-o no pórtico do que se inicia.

2.3. Ruy Barata na Literatura Didática e Acadêmica

Não há muitos relatos que informem sobre os importantes papéis do grande poeta, embora apresente extrema importância para o enriquecimento da cultura paraense, no entanto, atingira renomado reconhecimento, prova disso, é o pouco conhecimento que as pessoas têm em relação a sua pessoa e suas obras.

Benedito Nunes, (2012) em sua obra do Marajó ao Arquivo: Breve Panorama da Cultura no Pará cita os poemas de Ruy Barata, "O Anjo dos Abismos" e a "Linha Imaginária",

destacando-os como os melhores do ano de 1942, em matéria de poesia, classificando-o como um poeta talentoso que surgia, mas com uma experiência reduzida da vida, embora elogiado pela crítica, foi considerado apenas como revelação de um talento, em que a poesia de Ruy Barata procura um nome verdadeiro em Anjo dos Abismos, mas ainda não conseguiu encontrá-lo.

Antonio Lisboa Carvalho de Miranda, Doutor em ciência da comunicação (Universidade de São Paulo, 1987) retrata a poesia de Ruy Barata, algumas em especial com interpretações em Espanhol, dentre outras formas bilíngues. Desta forma, não só contemplando, mas também o exaltando quanto à poesia do renomado poeta é importante, conseqüentemente, isto enfatiza mais ainda a grande influência que o poeta surtiu para o enriquecimento cultural da região Norte e da dissipação das características regionais para as demais localidades.

Outro acadêmico que trata da obra de Ruy Barata como um emérito na poesia, foi Tiago da Fonseca Carneiro (2014), em sua Dissertação de Mestrado, apresentado ao curso de Pós-Graduação em Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, denominada “Mito e Epopéia na Modernidade”, uma leitura de “O Nativo de Câncer de Ruy Barata”, busca analisar critérios, pensamentos, ideias, elementos mitológicos e épicos na composição do poema do grande paraense. Um artigo de Maria de Fátima do Nascimento, Doutora em Campinas (UNICAMP), professora de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras (FALE), do Instituto de Libras e Comunicação (ILC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), enfatiza em seu artigo Seleção de Poemas de Poetas Paraenses: A Geração Moderna no Pará de 1946), a importância da poesia de poetas regionais na consolidação do período Modernista no Pará. Cleudir da Conceição Moraes, Doutora em História Social na Faculdade de Uberlândia (UFU), também o cita em seu artigo “Por dentro de seu Quintal: Ainda sobre o Regional e sobre o Regionalismo na Música Popular Brasileira”, ressaltando nesta a sua grande importância não só relacionadas ao seu elenco poético, como também ao seu repertório musical.

Conclusão

Conclui-se que o ato de empreender um diálogo entre a poesia e o ensino de Literatura tem a finalidade de estudar o poema do ponto de vista de uma epopéia moderna, a partir dos pensamentos e elementos da sociedade que misturam a História Amazônica e biográfica do autor. Assim, procura-se fazer uma relação entre o épico e o lírico no texto poético de Ruy Barata para uma reflexão dos conceitos de externos e internos como meros reflexos da vida do autor. E isto com a intenção de criar subsídios para ensinar Literatura no Ensino Médio, atendendo às exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais para que sejam vivenciadas a cultura e a arte local através das manifestações regionais.

Referências Bibliográficas

- BARATA, Ruy Guilherme. **Anjo dos Abismos**. José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1943.
- BARATA, Ruy Paranatinga. **Antilogia**. Belém: RGB Editora, SECULT, 2000, p. 57-60.
- BARATA, Ruy Paranatinga. **Helena**. In. Antilogia. Belém: RGB Editora, SECULT, 2000, p. 49.
- BARATA, Ruy Paranatinga. **Ode**. In. A Linha Imaginária: Belém: Edições Norte, 1951.
- BRASIL - CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, 1998.
- BRASIL - PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MEDIO – Língua Portuguesa e Literatura. Brasília – DF, 2000.

CARNEIRO, Tiago da Fonseca. **Mito e Epopéia na Modernidade**: uma leitura de O Nativo de Câncer, de Ruy Barata. Dissertação de mestrado apresentado ao curso de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará.

CEREJA, Jacinto de Prado. **Como Ensinar Literatura**. In Ao contrário de Penélope. Lisboa: Livraria Bertrand, 1976.

FERNANDES, José Guilherme. **“Interno e Externo no “Nativo de Câncer”** de Ruy Barata. NUNES, Benedito. Apresentação. In: **Antilogia**. Barata Ruy. Belém: RGB Editora, Secult, 2000.

NUNES, Benedito. **Do Marajó ao Arquivo: Breve Panorama da Cultura no Pará**. Belém: Editora UFPA, SECULT, 2012.

OLIVEIRA, Alfredo. **Paranatinga**. Cultural, CEJUP, Belém- Pará, 1990.

SILVA, Edilson Mateus Costa da. **Ruy, Paulo e Fafá**: A Identidade Amazônica na Canção Paraense (1976 – 1980). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará, sob orientação do Prof. Dr. Antônio Maurício Dias da Costa (FAHIS/UFPA), para a obtenção do título de mestre em História Social da Amazônia.

SILVA, Jackeline da, Anne Santos. **O Estudo da Literatura no Ensino Médio**. Tese apresentada ao curso de Libras. Da Universidade Federal de Paraíba. 2013.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo de auxiliar as escolas de Ensino Médio a utilizar a poesia de forma adequada, visando explorar fatos gramaticais ou História da Literatura, considerando que os DCNEM e PCN, exigem que a escola trabalhe textos regionais, integrando os eixos de Gramática e Literatura, especialmente no Ensino Médio, a partir de textos práticos de autores regionais. Propõe-se o estudo do texto poético de Ruy Barata nas aulas de Língua Portuguesa e de Literatura, pois além de atender os PCN cumpre também seu papel de análise de fatos na Língua Portuguesa no Estado do Pará e, conseqüentemente, em Itaituba, atendendo ainda às exigências da Lei 93/94/96 de Diretrizes e Bases da Educação. Por isso, objetivou-se, através deste, apresentar um artigo sobre o ensino- aprendizagem de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio, com base nas poesias de Ruy Barata, e através das mesmas, revisando a Literatura do poeta, comparando suas poesias com os estilos literários, explorando os temas utilizados por ele, com outros compositores, analisando as características em suas poesias, com sugestões de como trabalhar essas poesias e composições no Ensino Médio.

Introdução

As estratégias utilizadas neste trabalho possuem natureza mista: quantitativas e qualitativas, através de um questionário fechado com alunos sobre a obra de Ruy e entrevista com professores do Ensino Médio, terá ainda como público alvo, alunos e professores do Ensino Médio, bem como acadêmicos do Curso de Letras. Para a elaboração do mesmo foi necessário o uso de livros didáticos, apostilas, textos da internet, pesquisa de campo e questionário aberto aos professores da área de Língua Portuguesa e de Literatura. Neste estudo, recomenda-se a análise da poesia paraense de Ruy Barata a ser utilizada nas aulas de Metodologia e Prática do Ensino de Língua Portuguesa, a qual contribuirá para construir um conjunto de estratégias para ensinar Literatura, além de incluir

no elenco de leituras didáticas as poesias de Barata. Partindo de princípios definidos na LDB, o Ministério da Educação, num trabalho conjunto com educadores de todo o País, chegou a um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção de nossos jovens na vida adulta. Tínhamos um ensino descontextualizado, compartimentalizado e baseado no acúmulo de informações. Ao contrário disso, buscamos dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; evitando a compartimentalização, explorando texto através da interdisciplinaridade e incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender.

A disciplina na LDB nº 5.692/71 vinha dicotomizada em Língua e Literatura, com ênfase na Literatura Brasileira. A divisão repercutiu na organização curricular: a separação entre gramática, estudos literários e redação. Os livros didáticos, em geral, e mesmo os vestibulares reproduziram o modelo de divisão. Muitas escolas mantêm professores especialistas para cada tema e há até mesmo duas específicas: Leitura e Literatura, Estudos Gramaticais e Produção de Textos, como se não tivessem relação entre si. Nota-se que o problema está em como ensiná-las em razão do ato comunicativo. A gramática normativa extrapola em muito o conjunto de frases justapostas deslocadas do texto, priorizando conceitos irracionais sem que haja a interação locutor e interlocutor. A forma mais viável para a promoção da construção e desenvolvimento dá-se a partir da contínua verbalização como meio expressivo e comunicativo torna-se o aprender a aprender, sustenta escolhas, defende opiniões e a formação do processo cognitivo no jogo dialógico do “eu e você”, isto porque é através da oralização que professor/aluno terão um processo internacionalista construtivista.

1 Fundamentação Teórica

. Na perspectiva da nova Lei, o Ensino Médio, como parte da educação escolar, “*deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social*” (Art.1º § 2º da Lei nº 9.394/96). Essa vinculação é orgânica e deve abranger toda a prática educativa escolar. Em suma, a Lei estabelece uma perspectiva para esse nível de ensino que integra, numa mesma e única modalidade, finalidades até então dissociadas, para oferecer, de forma articulada, uma educação equilibrada, com funções equivalentes para todos os educandos:

É no contexto da Educação Básica que a Lei nº 9.394/96 determina a construção dos currículos, no Ensino Fundamental e Médio, “com uma Base Nacional Comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela” (Art. 26).

Para tanto, se faz necessária uma reflexão curricular que oriente o Ensino Médio no seu sistema, ressignificando-o, sem impedir, entretanto, a flexibilidade da manifestação dos projetos curriculares das escolas. Assim, o ensino das particularidades regionais se faz intrinsecamente indispensável para inter-relação da cultura local e suas derivadas manifestações com os indivíduos construtores da mesma. No entanto, torna-se evidente que tais demandas curriculares não condizem com o contexto atual dos métodos de ensino das escolas, uma vez que os próprios livros didáticos não se concretizam com tais ações, “as particularidades regionais”, tais como: música, dança, literatura e os autores regionais, de modo geral, são esquecidos. Cabe ressaltar também a falta de complacência por parte dos professores por não cobrarem por parte das secretarias e direções escolares a incrementação das artes nos currículos, pautando ainda a importância e valorização da cultura local.

Os conteúdos de literatura do Ensino Médio (DCNEM), foram incorporados ao estudo da linguagem com o objetivo de dar autonomia aos princípios da disciplina que exige um espaço dialógico. Mesmo que a Literatura seja um modo discursivo entre vários, tais como: Jornalístico, Científico, Coloquial, Literário, Poético, este último, difere dos outros pela sua construção pragmática, que garante ao participante o jogo da Literatura Literária com exercício da liberdade a quem pode levar as varias possibilidades da língua. Por isso, a Literatura sensibiliza o homem e por isso muitas vezes não é considerado como disciplina curricular ou simplesmente estratégia para o professor passar o tempo. (FERREIRA, ...). De acordo com Cereja (2005) é preciso reaver a prática escolar e redefinir o papel do ensino de Literatura na disciplina de Língua Portuguesa, pois o ensino de Literatura no Ensino Médio não tem alcançado os objetivos essenciais a que foram propostos, nas últimas Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM, 2006), e nas discussões geradas em obras de pesquisadores como Regina Zilbermann (2009) e Marisa Lajolo (1982).

No entanto, sabe-se que existe a necessidade de formar leitores competentes de textos literários e não literários, e consolidar os hábitos de leitura para formação de leitores críticos. O processo de Ensino de Literatura no Ensino Médio hoje, não estimula o jovem estudante ao hábito da leitura, isso porque a disciplina de Literatura prioriza o estudo da História da Literatura ou trabalha o foco de uma leitura “artificial”, de fragmentos de obras literárias, sem haver nenhuma investigação das possíveis leituras permitidas pelo texto, não dando a oportunidade e permissão para que o aluno exponha uma opinião do que está sendo discutido e, possivelmente, sugerido pelo texto. Dessa maneira, refletindo sobre o papel da leitura na escola e a importância da formação do estudante como leitor, o professor torna-se peça fundamental para estimular a capacidade discente de interagir com o conhecimento de forma autônoma, que beneficiará o aluno como cumprimento do papel de cidadão. Na maioria das vezes, quando acontece, as aulas são ministradas no método exigente da memorização de uma quantidade grande de informações literárias, decorando as escolas, períodos, autores e dados biográficos. Tudo isso se transforma em um insistente confronto do aluno com as obras literárias, que pertence a uma realidade totalmente diferente e que acaba transformando a obra literária em um mero objeto de estudo, por isso que os alunos reclamam das aulas de Literatura, pois eles veem a disciplina como trabalho/matéria disciplinar inútil.

A principal função da Literatura é de proporcionar prazer e de apresentar/representar a realidade ao leitor. Entretanto, também é através da linguagem literária, que é proporcionado aos leitores o encontro entre os diversos fatores de cultura como a transmissão de informações e comportamentos; e, além disso, causar sensações, emoções, e rejeições, atuando na educação e formação do homem como ser social, promovendo deste modo a aquisição do conhecimento, possibilitando o reconhecimento à realidade em que vive representada no mundo ficcional, ajudando o homem a entender tanto seus conflitos como os que a sociedade lhe impõe.

- **Ruy Barata: Vida e Obra por seus Amigos, por ele mesmo e na Literatura.**

2.1 Ruy por seus Amigos

A respeito da vida de Ruy Guilherme Paranatinga Barata, poeta paraense, pouco se encontra sobre sua biografia, com destaque na identificação de sua própria obra. Entre os autores que o citam estão: Edyr Proença, Clóvis Meira, Benedito Nunes, João de Jesus Paes Loureiro e Moreira. Além de fazerem comentários sobre o livro “Paranatinga”, que

Alfredo Oliveira escreveu sobre Ruy Barata, também teceram comentários sobre sua obra e passagens marcantes da sua trajetória na Literatura Modernista Brasileira.

Alfredo Oliveira (1990) escreveu sobre Ruy Barata. Este conta a vida de do renomado poeta paraense, que nasceu no dia 25 de junho de 1920 na cidade de Santarém-Pará, às margens do rio Tapajós, situada à Rua Francisco Correia. Filho de Alarico de Barros Barata e Maria José Paranatinga Barata, Ruy foi alfabetizado por seu pai ainda em Santarém, onde permaneceu cerca de 10 anos. Após esse tempo, vai para Belém dar continuidade aos seus estudos, enquanto sua família se transferia para Óbidos, onde costumava passar suas férias. De início, passa a frequentar a Escola Moderna dos Irmãos Maristas, cursando as duas primeiras séries do curso secundário e as três últimas na escola Nossa Senhora de Nazaré, passando a frequentar o Colégio Estadual Carvalho Paes. Após a conclusão do ensino do pré-jurídico, Ruy entra para a antiga Faculdade de Direito do Pará, sendo diplomado no ano de 1943. Mesmo sendo advogado, segue a carreira jornalística, onde trabalha em jornais da terra, em especial na “Folha do Norte”, de Paulo Maranhão. Em virtude da redemocratização do país, após o período ditatorial do Estado Novo, elegeu-se como Deputado Estadual duas vezes subsequentes pelo (PSP) Partido Social Progressista, de 1947 a 1954. Ao término do primeiro mandato, sua candidatura a reeleição foi considerada pelo comando da Oitava Região Militar, como comunista, contudo, obteve ganho de causa no Tribunal Regional Eleitoral e no Supremo Tribunal Federal e se reelegeu. Ficou conhecido como suplente pelo (PSP) a deputado Federal, mandato que, desempenhou de 1954 até 1959, na vaga de Lopo de Castro, eleito prefeito de Belém. Ruy por não ter condições financeiras resolveu não disputar o retorno a Câmara Federal. Novamente a capital paraense, reassumiu o 4º ofício do Cível e Comércio, para a qual fora nomeado anteriormente pelo general Zacarias de Assunção, governador do Estado. Foi diretor do suplemento literário de “A província do Pará”, e regente da cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Artes, mais tarde incorporada a Universidade Federal do Pará, no ano de 1964. Com o movimento literário desta mesma data, Paranatinga é destituído de todas suas funções, terminou preso, demitido do cartório “a bem do serviço publico”, e aposentado compulsoriamente do Magistério Superior. Após sua liberdade, exerce a função de advocacia no escritório de seu pai e empenha-se em jornalismo, como meio de sobrevivência; após três anos passa a utilizar a advocacia como ocupação principal, conseqüentemente, em virtude do falecimento de seu pai Alarico Barata. No governo de do presidente João Figueiredo que é decretada a Lei da Anistia, a partir daí, reassume seu papel na Universidade Federal do Pará (Centro de Letras, Artes e Comunicação) e, finalmente, aposentado de suas funções como cartório. Ainda em vida, publicou *Anjo dos Abismos* e *A Linha Imaginária*, poemas sob forte influência da estética modernista, remanescente da Semana da Arte Moderna. Chegou a alcançar grande prestígio e sucesso através de suas composições musicais que atingiram níveis nacionais e internacionais em parceria com seu filho Paulo André Barata, as quais destacam-se as músicas “Foi assim” e “Pauapixuna”. Por conseguinte do pré-jurídico veio à Faculdade de Direito, tempos de convívio com Cléo Bernardo, Clóvis Ferro Costa, Edyr e Delival Nobre, dentre outros colegas da turma. Edyr e Delival pertenciam ao “Bando de Estrelas”, Ruy não pertenceu à chamada “Academia do Peixe Frito,” como Dalcídio e Bruno de Menezes, mas pertenceu a geração posterior.

Benedito Nunes comentou sobre a obra de Ruy Barata, *A Linha Imaginária*, afirmando que ela abre o ciclo da nova poesia em 1952. Trata da criatividade do autor, do seu vigor

expressivo, de sua técnica, do seu manejo do verso, o poder verbal, a insinuação do tema e a construção do assunto. Para ele, Ruy Barata não é uma virtuose do verso, porque é um criador, e a poesia nele tem nascimento espontâneo, com riquezas de imagens elaboradas com experiências do poeta. Benedito Nunes afirma que o poeta não se deixou se impressionar pelas discussões bizantinas como se absoluto da poesia, mantendo com palavras a familiaridade de um fato. Diz que não é o poeta que serve as palavras; elas é que o servem.

2.2 Ruy Barata por ele Mesmo

Em “Paranatinga”, livro de seu grande amigo, Alfredo Oliveira, Ruy falou sobre si mesmo, citando passagens de sua vida e comentando a respeito da sua família e suas experiências na política e nas artes. Ruy conta que seu pai era voltado para o Direito, nasceu em Fortaleza e veio para o baixo-amazonas. Como ele possuía grande afinidade cultural e política, praticamente foi seu educador, fez todo o seu primário em casa, desde as primeiras letras. De tal maneira que seu pai não sabia avaliar o que ele sabia. Aos 10 anos Ruy foi para Belém, destinado ao Internato Colégio Moderno, pois para sua satisfação, já estava apto para o exame de admissão ao curso secundário, fato constatado pela professora Madalena Penafort irmã de Onestaldo Penafort, o grande tradutor brasileiro das peças de Shakespeare. Um dos seus colegas, nessa prova, outro não foi senão o radiologista Otávio Lobo, por quem manteve uma imensa ternura. O seu pai faleceu depois do golpe militar de 64, e apesar de cardíaco, em plena atividade, a favor dos presos políticos. Lembra-se, inclusive, de um episódio, relacionado com a defesa de certo estudante. Disse ele ao carcereiro de farda patente: “esse jovem está preso por uma única razão – escreveu num dos muros da cidade a seguinte frase: abaixo a ditadura. Ele não achou que isso poderia se constituir um crime, pois, se crime existisse, não a repetiria, como repetiu naquele momento: Abaixo a ditadura!”

Diz Ruy em entrevista que nasceu à noite, numa casa da rua São Francisco Correia; ao lado, D. Noca plantava cravos e rosas. Quem lhe pegou foi o doutor José Teodorico de Macedo, parteiro de alma boníssima e muito bem retratado por Dalcídio Jurandir, na figura de médico de Ponta de Pedras, em Chove nos Campos de Cachoeira. Foi batizado pelo Frei Ambrósio, alemão da Ordem dos Franciscanos, e justamente o doutor Macedo serviu-lhe de padrinho. Mais tarde tornou-se também seu compadre ao apadrinhar um de seus filhos. Em entrevista concedida ao seu amigo Alfredo Oliveira, enquanto esse escrevia “Paranatinga”, Ruy segura em suas mãos uma cópia datilografada de sua obra “O nativo de câncer”, e lê em voz alta, versos expressos pela saudade do universo “Mocorongo”. Depois continua: “Acho que o clima musical de Santarém, algumas aulas de piano com o mestre Zé Augustinho, a ruma de seresteiros, o conjunto que tocava músicas de Ernestos no cine “Guanabara”, que era mudo, isto é, sem som, tudo isso junto, deve ter fabricado em mim o gosto de compor.” (OLIVEIRA, 1990: 19).

Ruy continua sua narrativa: “Fiz a minha primeira comunhão na Matriz de Santarém, com Frei Ambrósio e todo aquele ritual de roupa branca, vela bolo e chocolate, com ovo batido. No Instituto Nazaré, onde terminei o Ginásio pertenci ao coral “Silva Novo”, regido pelo irmão Pedro de Alcântara. Outro cantor dessa orla seria futuro governador do Pará”. Ainda na escola Nossa Senhora de Nazaré, desde muito cedo Ruy destacava-se em apresentações teatrais, a qual em uma delas foi *cronner* do bando “Guará” e contracenou em peças levadas ao palco do colégio com o Everaldo Guilhon, mais tarde redator

expositivo de “A vanguarda” e autor do apelido do Paissandu “Papão do Curuzu”. Paranatinga tinha grande apreço por sua Terra oriunda, neste cabe ressaltar as próprias palavras do poeta: “Óbidos é uma terra que deixei grandes amigos. Tanto que foi meu reduto eleitoral nas campanhas para deputado. Ali foi a vida dos meus primeiros amores, das minhas primeiras composições para o carnaval de D. Rosa que costurava as fantasias que vesti e que outra não era, senão a mãe de Pedro Pomar. La quando rapaz fui jogador de futebol do “Amazônia” ao lado do craque da cidade Paulo Matos de Sousa.” (OLIVEIRA, 1990: 20).

Ainda quando criança, Ruy sempre viajara para Óbidos passar suas férias com seus familiares e lá fizera grandes amigos. Viveu momentos únicos como o próprio poeta afirma, não tinha medo do amanhã e nunca lembra sonhos, exceto um. O finado pai na casa de Óbidos murmurando na janela de olhos fitos no Amazonas. Paranatinga não tinha apreço algum pela música popular, sua paixão era mesmo a música clássica, tanto que faz críticas às serestas, e a modo de se portarem, dizia ele ser uma ridícula manifestação. Quando jovem apaixona-se pela música no ambiente Mocarongo, e é através deste apreço que surge a vontade de compor suas primeiras canções. Em Óbidos, faz amizade com vários letristas, dentre eles destaca-se Saladino de Brito, mas é pelas músicas de Caymm que ele percebe que a música não é só música Urbana. Ruy nasceu com os versos livres e soltos, dizia ele: “A realidade chega a mim e eu a recreio. A inventiva é fundamental. Sem inversão não existe letra, nem poesia. E quem nos ensina isso é Fernando Pessoa”. (OLIVEIRA; 1990: 23).

*O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que às vezes pensa ser dor
Dor que deveras sente (...)*

Neste pequeno trecho do poema de Fernando Pessoa, “Autopsicografia”, o poeta afirma a importância da inventiva, da construção de compor algo, pois é através desta forma de criação que a música, a poesia ou qualquer outra expressão artística se torna valioso, por isso Paranatinga faz uma analogia ao poema de Pessoa, que atribui ao poeta a função de inventar tão bem que a sua própria fantasia vira verdade para ele também, caracterizando a verossimilhança que toda obra de ficção deve deixar passar para o leitor ou interlocutor. Fascinado pela música clássica, Paranatinga a considera ainda como música popular bem trabalhada, dizia ainda gostar de Debussy, Beethoven, Mozart. Durante suas produções foi muito criticado, principalmente por um grupo de baratistas, isto é, o grupo narcisista partidário da oposição. Ainda, tornou-se vencedor de vários festivais de carnaval dos “Boêmios da Academia”, com o tema “Muiraquitã”, samba de parceria com seu filho, Paulo André Barata.

Segundo Alfredo Reis, o festival era de suma importância para a construção da Cultura e formação social-interativa, o mesmo servira para libertar os jovens cantores de suas celas a qual a si própria se aprisionava. Tinha Ruy como grande amigo e parceiro para a vida toda, tanto que é o autor de “Paranatinga”, obra feita em homenagem ao grande artista. Outro grande renomado artista paraense era senão Edgar Proença. “Eu e Ruy atuavam no show “Papo Molhado” juntamente com Hélio Rubens, Kzan Gama, Guiães de Barros, Sagica e o Garçom ligeirinho.” (OLIVEIRA; 1990: 26).

Edgar Augusto Proença foi jornalista paraense e crítico musical do “Diário do Pará” e um grande amigo de Ruy e um excelente poeta da época. Paranatinga serviu de grande instrumento para o enriquecimento da cultura paraense, assim também como seus colegas da Faculdade de Filosofia como Moreira Junior, Orlando Costa, Francisco Paulo Mendes, Benedito Nunes, Ápio Campos, Napoleão Figueiredo, Otávio Mendonça, etc. Ainda se fez presente no chamado “Café Central”, no início da década de 60. Um grupo que reunia artistas intelectuais da terra, (Poetas, Escritores, Compositores, Jornalistas, Letristas, Boêmios, etc.) dentre os integrantes do Café Central, destacavam-se Paulo Plínio Abreu, Mario Faustino, Waldemar Enrique, Max Martins, Gaube Cruz, Benedito Nunes, Chico Mendes, Machado Coelho, Nunes Pereira, Jocely Brasil e uma das figuras mais celebres: Clarice Lispector que residia em Belém por algum tempo.

Paranatinga era um homem de muitas moedas, gostava mesmo da “birita”, lembra ainda as recordações em torno de uma paixão, “Universidade de Samba Boêmios da Campina”. “A princípio, a primeira escola a ocupar a Zona foi o “**Tá Feito**”, em seguida os “Quem São Eles” e por fim os “Boêmios da Campina”. Sua ligação com os Boêmios nasceu através de Paulo Roberto, e de seu primo Acelino Barata de Magalhães Costa. Naquela época, denominado grupos “Boêmios da Campina”, veio à mídia a partir da instalação da Universidade Federal do Pará, para registrar o evento, o poeta abriu manchete na “Província” da qual era redator da página de Letras e Artes. Mas, para muitos o termo Universidade referia-se aos boêmios. Paranatinga também foi sambista de primeira mão, o folião era sua sede, em Jurunas, bairro nobre de Belém-Pa, fazia a festa e caía no folião com sua junta carnavalesca denominada Muiraquitã.

Em termos de trabalho, Ruy se esforça para capturar a emoção que a melodia desperta. É a partir daí que tenta disciplinar seu desempenho como letrista. A paixão pela música fez de Ruy um dos maiores letristas, para alguns o melhor do Brasil. Para ele, a letra necessariamente precisa estabelecer comunicação com o público; por outro lado, a poesia não tem essa obrigação, embora haja campos em que uma letra seja poética, mas não obrigatoriamente. A verdadeira função da letra é traçar laços com a melodia, e assim, seguir um parâmetro horizontal. A poesia foge a essa estética, está livre para buscar novos horizontes, a mesma transcende o poder da palavra.

Ruy não se prendia a uma estética oficial, desde cedo seus versos eram soltos e espontâneos, segundo ele, as palavras não surgem amarradas e sim em constantes movimentos e estado de transformação. Muitas vezes, uma palavra exerce uma forma mais expressiva do que a outra palavra, que seguem o ritmo padrão oficial da língua. Chegou ainda a elaborar vários discursos, textos e poemas encomendados. Torna-se evidente na citação mencionada em que Ruy defende as características regionais da terra como foco de Cultura da Região e que mesmo a tantas tentativas de imposições e influências externas, o regional prevalece, e não se sujeita às manifestações que persistem a adentrar a cultura local, o regional foge a essa imposição. A cultura, a língua, a fala, permanece a mesma, não se acultura a outras línguas.

Como músico, o grande paraense reporta à grande diversidade na musicalidade regional, a penetração dos meios de comunicação de massa, e ainda sucinta que a música dita paraense deveria ser mais bem conceituada como música popular brasileira feita no Pará. O ‘Merengue’ do Caribe regionalizou-se com o nome de ‘Lambada’, o ‘Carimbó’, para ele, era a raiz da terra, tanto que ainda quando jovem, festejou muito rodas de carimbó e reafirmava sua fala: - o carimbo é nosso! Isto se sabe, porque fora amigo de Pinduca, um

emérito executante e compositor do 'Carimbó' nacionalmente reconhecido, ambos juntos foram carcereiros no quartel da polícia militar em 64, em suas ações contra o Estado. Foi em um *show* montado por seu filho Paulo André, estreado na assembléia paraense e no Pará Clube, que surge a figura mais ilustre de Guerra e Talento, Maria de Fátima Moura Figueiredo, posteriormente conhecida nacionalmente por Fafá de Belém. Foi através de "Pauapixuna" e "Foi Assim", interpretadas por Fafá de Belém, que o país passa a conhecer as grandes composições do poeta e de seu filho. Sucinta em suas palavras: "De todas as letras que fiz, até hoje a que mais me doe foi "Pauapixuna" [...] como já disse, Pauapixuna é a própria fronteira de Óbidos. Ali tive grandes amigos [...] nunca conheci gente mais tarada por música como aquela gente." (Ruy apud Oliveira, 1990: 47).

A referida música é uma de suas composições a qual mais lhe tem afeto, isto porque fora lá na fronteira de Óbidos que Ruy carrega traços de carinho e afeto de todos; lá construiu grandes amizades para a vida toda, relembra os velhos momentos de infância, dos bailes dançados, dos amigos pescadores, além de que, fora ali que, desde o início das suas primeiras composições de seu repertório musical. "[...] a nossa primeira composição de parceria foi feita depois de 64 e chamava-se "Rosa - Rubra", exaltava a liberdade e manifestava-se contra o obscurantismo daquela hora.

A canção 'Rosa Rubra', feita por Paranatinga e André Barata, foi feita em homenagem a Rosa Luxemburgo, que foi impedida de ser executada no programa dominical "Pierre Show" da TV marajoara em 1996, sendo apresentada apenas a sua face instrumental. (MORAES apud OLIVEIRA, 2000: 282). Ruy Barata Foi um dos alvos preferidos da censura em Belém, além de ter sido diversas vezes preso, arbitrariamente, e ter a casa invadida por militares armados, sua produção artística sofreu uma constante vigilância.

A preocupação da censura dentro de seus princípios persecutórios hipertrofiados, não foi suficiente para calar os músicos locais, mesmo com a coerção sofrida, havia sempre a possibilidade deles de se expressarem politicamente, denunciando, satirizando, criticando aspectos da vida política e social do país, por meio da poesia e da canção. Os compositores engajados paraenses, entre eles o próprio Alfredo Oliveira, João de Jesus de Paes de Lourenço, Ruy Barata, Paulo Andre Barata, Galdino Penna, José Maria de Vila Ferreira, dentre outros, incorporaram em seu repertório temático e sonoros outros lugares igualmente míticos, outros sujeitos sociais e outros sons. A floresta, o homem ribeirinho, os rios, o legendário amazônico, o ritmo do carimbó, do lundu, do retumbão, do marabaixo, selecionados como fontes de dada tradição da cultura popular de Belém, serviram como vetores para as atividades criativas destes compositores, preocupados em denunciar, criticar, ironizar ou simplesmente tematizar aspectos da realidade local e dos efeitos dos processos de modernização e industrialização na região. (MORAIS, 2012: 5).

No ramo da política, o poeta também desempenhou papel preponderante contra as calamidades que aconteceram na época, tanto que utilizou a política, dentre outras formas, como intercâmbio para transmitir seus ideais, críticas, pontos de vista e acima de tudo seu nacionalismo. Foi no final do pré-jurídico que Ruy interessava-se por Direito, isto porque, seu pai o arigó Alarico de Barros Barata, surtiu desde cedo grande influência para tal, uma vez que, naquela época Direito e Literatura andavam praticamente juntos, entrelaçadas uma a outra. Apesar de sua formação em Direito em 1943, preferiu assumir jornalismo como profissão, somente em 1947, aos 26 anos de idade, assume sua primeira legislatura pelo (PSP) Partido Social Progressista como Deputado Estadual e após sua candidatura é

reeleito pelo mesmo partido, perpetuando até o ano de 1954. Ainda conseguiu assumir papel de Deputado Federal pelo mesmo partido até o ano de 1959.

A partir daí, Paranatinga exerce função do 4º Ofício do Civil e Comércio da Comarca da capital, nomeado pelo General Alexandro Zacharias de Assunção eleito governador do Pará. Assunção e Ruy eram grandes amigos, tanto que o poeta chegou a elaborar muitos de seus discursos e pronunciamentos políticos: ambos costumavam discutir sobre política local. Adiante passa a ser corregedor do Ministério Público e em seguida consultor geral do Estado. Como parlamentar, ingressou nas fileiras de campanha de monopólio estatal do petróleo, nos movimentos democráticos pela paz, pelo divórcio, contra a Lei de Segurança Nacional, contra o acordo Militar Brasil-Estados-Unidos. Naquelas idas, Ruy fora bastante perseguido pelo poder militar devido as suas grandes críticas sociais, na capital paraense. Tanto que chegou a ser preso, assim também como vários outros críticos da época. Sobre as palavras do próprio Ruy, cabe aqui recitar: Fui um dos personagens mais visitados, nesta terra, pelo golpe militar de 64. Por quê? “Certamente, por alguns “delitos”, por mim cometidos, que constituíram o meu passaporte para o planeta de grades” (OLIVEIRA, 1990, P 149).

Refere-se aqui o poeta, às grandes perseguições políticas que sofrera durante o período militar por suas fortes e intensas críticas, estes considerados como apoio ao movimento que se repercutiu naquele momento; tais como: poemas, músicas, artigos, comentários e pronunciamentos de variadas formas representadas que denunciavam a todo instante o autoritarismo da época. Em Belém, um jornal da propriedade do Dr. Armando Carneiro “O Jornal do Dia”, Ruy publicou exatamente no dia 31 de março de 1964, o penúltimo de uma série de cinco artigos contra a implementação de uma estrada denominada “*Belcan*”, e que sairia da capital, contornava Marabá, em direção à Jacareacanga, na época, apenas um campo de aviação. Tal ato cometido através da denúncia por seus artigos feitos, como não podia deixar de ser, foi um delito imperdoável para os entreguistas e racionalistas, além de que, ia de encontro com o acordo Brasil - Estados Unidos. Os estrangeiros já visavam às riquezas da terra, tanto que lançaram seus modernos artefatos aeroespaciais detectores de minérios e financiaram a construção da “*belcan*”, por uma empresa da agência do governo Norte -Americano denominada (USAID). Outra denúncia, não menos importante, foi o poema “*Me Atrae Una Cubra Libre*”, publicado na “Folha do Norte” em janeiro de 1959. O referido poema critica a guerra que acontecia em Havana liderada por Fulgêncio Batista, ostensivamente apoiada pelos Estados Unidos e, ao mesmo tempo a glorifica por sua libertação que se deu com a ajuda de Fidel Castro. A partir de então, o poeta passa a ser olhado, pelos chamados órgãos de segurança do Estado, como uma pessoa extremamente perigosa ao proclamar-se comunista. Nesta mesma década, a palavra poética tornou-se instrumento vigoroso e engajado na produção “Popular Revolucionária”. Arte, Cultura e Militância Política se entrelaçam com tamanho entusiasmo que os temas em debates surgem contundentes num cenário jamais visto no país.

Intelectuais e artistas mobilizam o povo, empenhados no projeto de conscientizá-lo de si mesmo. O nacionalismo assume papel de suma importância para o despertar da nova era, juntando à esquerda e classes dirigentes interessados no desenvolvimento econômico. Neste mesmo momento, surge em Pernambuco o (MPC) Movimento de Cultura Popular a qual formava núcleos de alfabetização nos subúrbios pobres e mocambos, cuja função anterior é substituída, isto é, o aprendizado se associa a questão social formada pelo conceito de Paulo Freire.

Vários intelectuais da (ISEB) - Instituto Superior de Estudos Brasileiros formulam estratégias para o desenvolvimento, a partir de interpretação da realidade brasileira. A exemplo desta nova forma de expressão social, o cinema exerce papel preponderante na divulgação da prática revolucionária, ao invés do cinema comercial, visa engajar na linguagem cinematográfica, acontecimentos do presente, enfatizando assim, a realidade social, a crítica social e problemas vigentes na sociedade contemporânea. A realidade nordestina é mostrada em "Vidas Secas", de (Graciliano Ramos), baseada no romance de (Glauber Rocha), onde se expõe o cangaço e o misticismo. Diante de tamanhas mudanças nas formas críticas da sociedade e da inquietude que abraça a população, a atuação da União Nacional dos Estudantes (UNE), passa a participar nas discussões dos problemas nacionais, atraindo a massa de jovens para a atividade cultural ligada à militância política. Consequentemente, surge o (CPC) - Centro Popular de Cultura que decreta em manifesto, que "fora da arte política não há arte popular", e conclama seus adeptos a ser parte integrante do povo, destacamento de seu *front* cultural, isto é arte concebida, claramente, a serviço da tomada do poder.

O Centro Popular de Cultura lança em 1962 os "Cadernos do Povo Brasileiro", editados por toda a civilização brasileira, do qual faz parte da série "*Violão Rua*", coletânea de poemas que, segundo o manifesto regido por Moacyr Felix, almeja a utilização da estética, de temas humanos agudamente engajados como contribuição a luta dos povos oprimidos do chamado terceiro mundo, de que tudo aquilo que é verdadeiro serve ao povo, de que o uso apaixonado da verdade é o instrumento por excelência da humanização da vida.

Ao denominar o presente capítulo "*Violão de Rua*", a intenção foi ressaltar a característica da poesia de Ruy Barata nele inserida, pois sem nenhuma dúvida, o remete ao período histórico que o motivou. É pautável ainda destacar "Me Atrae Una Cubra Libre", poema este, que foi para as ruas através de panfletos com intuito de difundir o que neles se continha. Paranatinga participou, ativamente, na luta política, juntamente com a comunidade universitária em prol de uma sociedade mais justa, do poder de expressão, da cidadania e bem estar.

O poeta não tinha "papas na língua", era homem de versos soltos, não havia lugar ou ambiente que pudesse prendê-lo ou censurá-lo, comunista com orgulho no peito, visava uma sociedade sempre melhor, com mais direitos a população, lutava em defesa da soberania da Amazônia e não se sujeitava ao opressor. Foi devido a tamanhas atitudes revolucionárias que Ruy fora preso nos primeiros momentos da repressão desencadeada no Pará pelo golpe de 64. Ele permanece preso durante quatro meses, durante esse período conheceu vários artistas, não só do gênero poético como também do musical, dentre eles cabe ressaltar o grande compositor de carimbó, Pinduca, o poeta Paes Lourero, dentre outros. Após sua prisão, procura reassumir sua profissão de professor na Faculdade de Filosofia, e volta a trabalhar no Cartório do 4º Ofício. Não demorou muito para que Paranatinga fosse demitido do Cartório "a bem do serviço público", logo se aposenta pela Faculdade de Filosofia, ganhando uma mísera quantia de mil e trezentos cruzeiros. Sem alternativa, passa a trabalhar novamente no jornal da "Folha do Norte" e "flash", a qual tinha como diretor João e Ivan Maranhão.

Além das obras relativas à música, à política e outras artes, Ruy Barata também se destacou na Literatura, principalmente na Poesia, enfatizando o seu olhar sobre a Amazônia, sobre as mulheres, sobre o submundo, o sobrenatural, o místico, a boêmia e a natureza, o que deixa mais evidente ainda o seu talento também como poeta. Antes

mesmo de se tornar conhecido nacionalmente através da música, desde muito cedo, o poeta já compunha um repertório imenso de poesias, tanto que em 1943 aos 23 anos de idade, publica sua primeira coletânea “*Anjo dos Abismos*”, pela Editora José Olímpio, obra que contém 24 poemas elaborados entre 1939 e 1942, dedicada ao querido pai, o arigó Alarico de Barros Barata e a Francisco Paulo Mendes, seu estimado amigo para a vida toda.

Torna-se perceptível a linguagem utilizada pelo poeta, em sua primeira coletânea, apesar de ainda muito jovem, já era capaz de mergulhar nas entranhas dos sentimentos e expressá-los magnificamente. Contudo, ainda havia uma grande estrada a ser percorrida e pedras a serem retiradas do caminho. Sobre os escritos de Benedito Nunes (1929-2011) em sua obra “Do Marajó ao arquivo: Breve Panorama da Cultura do Pará” aborda alguns critérios importantíssimos necessários para uma melhor realização do artista como poeta. Álvaro Lins, em sua “crítica metropolitana”, considerava a obra como a melhor estréia daquele ano em matéria de poesia, no entanto, paralelamente fazia críticas construtivas. Segundo ele, a profundidade exigida pela poesia não tinha sido alcançada, pelo simples fato de que suas experiências faltavam à cristalização necessária, e aos seus versos, a habilidade que só é conferida depois de um prolongado convívio com a riqueza interna das palavras. Por outro lado, revela-se a energia criadora de um poeta que, mais tarde, conseguiria manter uma assombrosa familiaridade com as suas imagens e invenções. O poeta, nesta coletânea, deixa escapar também, de vez em quando, fragmentos de futuras motivações de sua poética, mas é certo de maneira desajeitada, usando linguagem alheia, pedindo emprestada a facilidade de um lirismo declamatório, que não será sua expressão normal. Isto é, o poeta não conquistara sua linguagem, nem implantara as normas de seu mundo particular à experiência, tanto a da vida, quando a material do verso. É que há de favorecer-lhe o preciso privilégio de se estabelecer por conta própria no reino da poesia, que não tem porta menos estreita do que a dos céus.

Seu primeiro livro traduz uma visão defeituosa, que expõe como uma realidade um dualismo inconciliável. Mas, as suas sondagens poéticas o conduzem, pouco a pouco, a uma visualidade autêntica da existência, em que Alegria e Tragédia se confundem como as duas faces de um único rosto, e acabam por constituírem a inteireza da fisionomia da vida, a realidade humana total naquilo que há nela de decadência e exaltação, queda e soerguimento, derrota e vitória, morte e salvação. Ainda em ‘*Anjo dos Abismos*’, ele atinge o primeiro tom da inconfundível espiritualidade que fará vibrar em quase todos os seus versos a alma de um poeta Cristão, de um poeta que está imerso no mistério do pecado e do cotidiano, fazendo um louco esforço, não para compreendê-lo, mas para dizê-lo. Entretanto, um largo pressentimento se esboça que é uma guia e um clarão no caminho do poeta, cuja alma está dominada pela exaltação de viver, e que ainda é romântica, lançando-se a criação poética para atender as exigências de seu talento, mas também para atender ao apelo do século, que inclui no seu programa de absoluto amor à natureza e à vida, o convite ao desregramento dos sentidos. Em expressão de sua poesia recebe o mundo com exaltação, onde tenta lhe impor a sua forma e sua figura.

*Ó sim sou eu por sobre os nebulosos,
fantasmas que povoam quatro mundos
imagem perdida e mais tarde encontrada
no ilimitado céu da poesia. (ANJO DOS ABISMOS: 19).*

Ruy se deixa arrastar pela figura abismal que se espalha pela natureza, figura tenebrosa e ao mesmo tempo angélica, o próprio poeta que não sabendo ainda traduzir a sua visão das coisas, liquida as primeiras experiências poéticas, revestindo-as com a fantasiosa imagem do seu ser agigantado, a tornar-se centro do universo e de tudo enquanto existe. Tal advertência o incita a procurar as fontes legítimas de sua poesia. Essa busca será demorada e penosa, cheia de angústia e decepções para enfim, degustar da essência das duas faces de um só lado e a criação magnífica da poesia. Depois desta intensa dádiva de vida, surge uma poderosa revelação de um poeta amadurecido que se retrata nas páginas de *A linha Imaginária*; suas habilidades na técnica do verso e na filtragem das experiências variadas que constituem o cerne magnífico de sua poesia. Ruy Barata, com esse livro, inicia o ano literário de 1952. Cronologicamente, o seu pequeno volume situa-se nos últimos dias do ano que passou, mas a importância que ele se reverte, coloca-o no pórtico do que se inicia.

2.3. Ruy Barata na Literatura Didática e Acadêmica

Não há muitos relatos que informem sobre os importantes papéis do grande poeta, embora apresente extrema importância para o enriquecimento da cultura paraense, no entanto, atingira renomado reconhecimento, prova disso, é o pouco conhecimento que as pessoas têm em relação a sua pessoa e suas obras.

Benedito Nunes, (2012) em sua obra do Marajó ao Arquivo: Breve Panorama da Cultura no Pará cita os poemas de Ruy Barata, “O Anjo dos Abismos” e a “Linha Imaginária”, destacando-os como os melhores do ano de 1942, em matéria de poesia, classificando-o como um poeta talentoso que surgia, mas com uma experiência reduzida da vida, embora elogiado pela crítica, foi considerado apenas como revelação de um talento, em que a poesia de Ruy Barata procura um nome verdadeiro em Anjo dos Abismos, mas ainda não conseguiu encontrá-lo.

Antonio Lisboa Carvalho de Miranda, Doutor em ciência da comunicação (Universidade de São Paulo, 1987) retrata a poesia de Ruy Barata, algumas em especial com interpretações em Espanhol, dentre outras formas bilíngues. Desta forma, não só contemplando, mas também o exaltando quanto à poesia do renomado poeta é importante, conseqüentemente, isto enfatiza mais ainda a grande influência que o poeta surtiu para o enriquecimento cultural da região Norte e da dissipação das características regionais para as demais localidades.

Outro acadêmico que trata da obra de Ruy Barata como um emérito na poesia, foi Tiago da Fonseca Carneiro (2014), em sua Dissertação de Mestrado, apresentado ao curso de Pós-Graduação em Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, denominada “Mito e Epopéia na Modernidade”, uma leitura de “O Nativo de Câncer de Ruy Barata”, busca analisar critérios, pensamentos, ideias, elementos mitológicos e épicos na composição do poema do grande paraense. Um artigo de Maria de Fátima do Nascimento, Doutora em Campinas (UNICAMP), professora de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras (FALE), do Instituto de Libras e Comunicação (ILC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), enfatiza em seu artigo Seleção de Poemas de Poetas Paraenses: A Geração Moderna no Pará de 1946), a importância da poesia de poetas regionais na consolidação do período Modernista no Pará. Cleudir da Conceição Moraes, Doutora em História Social na Faculdade de Uberlândia (UFU), também o cita em seu artigo “Por dentro de seu Quintal: Ainda sobre o Regional e sobre o Regionalismo na Música Popular Brasileira”, ressaltando

nesta a sua grande importância não só relacionadas ao seu elenco poético, como também ao seu repertório musical.

Conclusão

Conclui-se que o ato de empreender um diálogo entre a poesia e o ensino de Literatura tem a finalidade de estudar o poema do ponto de vista de uma epopéia moderna, a partir dos pensamentos e elementos da sociedade que misturam a História Amazônica e biográfica do autor. Assim, procura-se fazer uma relação entre o épico e o lírico no texto poético de Ruy Barata para uma reflexão dos conceitos de externos e internos como meros reflexos da vida do autor. E isto com a intenção de criar subsídios para ensinar Literatura no Ensino Médio, atendendo às exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais para que sejam vivenciadas a cultura e a arte local através das manifestações regionais.

Referências Bibliográficas

- BARATA, Ruy Guilherme. **Anjo dos Abismos**. José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1943.
- BARATA, Ruy Paranatinga. **Antilogia**. Belém: RGB Editora, SECULT, 2000, p. 57-60.
- BARATA, Ruy Paranatinga. **Helena**. In. Antilogia. Belém: RGB Editora, SECULT, 2000, p. 49.
- BARATA, Ruy Paranatinga. **Ode**. In. A Linha Imaginária: Belém: Edições Norte, 1951.
- BRASIL - CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, 1998.
- BRASIL - PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MEDIO – Língua Portuguesa e Literatura. Brasília – DF, 2000.
- CARNEIRO, Tiago da Fonseca. **Mito e Epopéia na Modernidade**: uma leitura de O Nativo de Câncer, de Ruy Barata. Dissertação de mestrado apresentado ao curso de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará.
- CEREJA, Jacinto de Prado. **Como Ensinar Literatura**. In Ao contrário de Penélope. Lisboa: Livraria Bertrand, 1976.
- FERNANDES, José Guilherme. **“Interno e Externo no “Nativo de Câncer” de Ruy Barata**.
- NUNES, Benedito. Apresentação. In: **Antilogia**. Barata Ruy. Belém: RGB Editora, Secult, 2000.
- NUNES, Benedito. **Do Marajó ao Arquivo: Breve Panorama da Cultura no Pará**. Belém: Editora UFPA, SECULT, 2012.
- OLIVEIRA, Alfredo. **Paranatinga**. Cultural, CEJUP, Belém- Pará, 1990.
- SILVA, Edilson Mateus Costa da. **Ruy, Paulo e Fafá: A Identidade Amazônica na Canção Paraense (1976 – 1980)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará, sob orientação do Prof. Dr. Antônio Maurício Dias da Costa (FAHIS/UFPA), para a obtenção do título de mestre em História Social da Amazônia.
- SILVA, Jackeline da, Anne Santos. **O Estudo da Literatura no Ensino Médio**. Tese apresentada ao curso de Libras. Da Universidade Federal de Paraíba. 2013.